

## **A condição feminina evidenciada na poesia de Paula Tavares**

Laysa Cavalcante Costa (UFCG)

José Hélder Pinheiro (UFCG)

### **Introdução**

O presente artigo tem como finalidade trazer a atenção para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, por meio da apresentação de alguns poemas de Ana Paula Tavares, poeta angolana, considerada pela crítica como uma das principais vozes do sistema literário afro-brasileiro. O objetivo principal deste estudo é discutir sobre a condição da mulher presente nos textos da autora. A literatura de Paula Tavares também traz para o espaço literário os elementos culturais que compõem os costumes e tradições africanas, bem como aspectos do cotidiano reveladores do jeito de ser e de viver do(s) povo(s) que forma(m) a(s) África(s) não é apenas uma opção temática dos autores contemporâneos desses países, e sim uma forma de processar a construção da identidade nacional, revelando ao mundo a ótica do dominado e, de certa forma, permear universos distintos, se não antinômicos, que se cruzaram nos trilhos da História e por ela foram definitivamente alterados, fraturados, esquetejados, e se encontram em contínuo processo de reconstituição.

O livro estudado será *Ritos de passagem* o primeiro livro da autora publicado em 1985. Paula Tavares já deixa claro a que veio, ao trazer para o cenário poético um sujeito lírico que fala do gozo do mirangolo, “Testículo adolescente/ purpurino/ que corta os lábios/ com sabor ácido/ da vida”/... / ilumina a gente”, e docilidade da “Nêspêra” “Doce rapariguinha-de-brincos”, a “Frágil vagina semeada” do mamão e outras analogias pelas quais a poeta metaforiza o povo, os costumes e, em especial a mulher angolana, como se os frutos da terra mimetizassem sua gente e vice-versa.

Dá em diante, o universo angolano, mais especificamente a região de Huíla, província localizada no sudoeste de Angola, é constantemente (re)apresentado e atualizado em sua escrita que, por muitas vezes, volta a si mesma, numa espécie de refluxo na apresentação de imagens recorrentes que se renovam em de seus versos, num movimento “ousado”, muitas vezes erotizado na busca da harmonização perfeita entre natureza/mulher/África, não necessariamente nesta ordem, capturando belezas e transformando em poesia a paisagem realista \_ nem sempre pitoresca, por vezes

sangrentas pintadas com palavras e esculpida com imagens que remetem ao universo vegetal, animal, humano, cultural e social de seu país.

Nessa ousadia poética, elementos como a massambala, a tacula, as machambas, os imbondeiros, o barro, a lua, o lago, os frutos, os bois, a catana, a cerveja, o milho, e tantos outros que compõem a diversidade e riqueza cultural da(s) África(s), são constantemente solicitados por seu fazer poético. Além disso, a mulher é constantemente representada, seja nas suas funções sociais, como mãe, e/ou principalmente, como um ser oscilante em busca da subjetividade e do seu espaço sócio/existencial.

### **Fundamentação Teórica**

De acordo com a história a literatura se configurou e se configura, como uma alternativa de leitura do mundo, fundando conceitos e trabalhando a fixação de identidades e de relações. Em muitos casos a criação de um “modelo” literário nacional, demonstra um projeto ideológico que está inteiramente ligado com a imagem do país que se quer conservar. No entanto, esses significados coletivos expõem, traços simbólicos, políticos e históricos, que representam os propósitos dos grupos sociais hegemônicos. E, o “modelo” literário pode ser resultante de uma configuração autoritária de organizar o mundo a partir de uma hierarquia das categorias de gênero, da propriedade, da etnia.

A obra literária constituindo um produto da cultura, é tanto econômica e politicamente, quanto histórica e socialmente fundamentada. Compreende-se que os pensamentos feministas se estabelecem como resultado da união entre campo teórico e práticas políticas, e assinalam para várias direções, assentando-se em diálogo com as ciências humanas de um lado, e de outro, conservando a distância necessária para elaborar a crítica da cultura e das representações ideológicas que estão intrínsecas na própria produção desses conhecimentos específicos.

A escritora, Ana Paula Tavares, objeto principal desse estudo, nascida em Lubango, província da Huíla, ao sul de Angola em 30 de outubro de 1952, mora atualmente em Lisboa. Poeta, historiadora, cronista, é, especialmente pela reflexão literária, que participa influentemente do processo de reconstrução cultural de Angola na pós-independência. A mesma causa uma mudança em relação aos temas caros à literatura angolana. A memória feminina que ela restaura nos poemas traz ao plano da

fala, vozes que estiveram ocultadas, edificando desse modo uma experiência que pode ser coletivizada.

É no contexto de identidade que a poesia da angolana Paula Tavares. Entre as perspectivas de estudos que procuram entender o fenômeno da identidade nas modernas sociedades ocidentais, a que me assemelha mais relevante é a de Stuart Hall (2004, p.47), para o qual “no mundo moderno as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”.

Na obra de Ana Paula Tavares há uma experiência de construção cultural e nacional a procura de uma identificação filial com a grande Mãe-África. Contemplada de percepção sensorial, a autora busca fortalecer pelo viés da poesia a identidade da nação angolana, temática comum na literatura angolana, conferindo-lhe um sentido mais autêntico, movimentando a tradição e a memória de seu povo, proferindo em sua voz todas as vozes que formaram essa tradição. Sem obscurecer as marcas profundas largadas nos imaginários pela história oficial, ela nos mostra outra história, brotada de dentro dos atos antigos das mulheres, estabelecendo assim uma identidade coletiva angolana.

No prefácio de *Ritos de Passagens* intitulado “Passagem para a diferença”, Inocência Mata, escreve as primeiras diretrizes para essa leitura. A mesma propõe ler Ana Paula Tavares a partir de uma mudança de direção, tendo por princípio a escrita dos poetas consagrados. Inocência destaca a novidade na poesia angolana e admite “deslumbramento” perante a obra, “porque” enxergava pela primeira vez, na poesia africana, uma composição em que a voz da mulher se fazia ouvir na sua individualidade, na sua feminilidade, na sua corporalidade. A partir destes sinais de inflexão que Inocência Mata pensa o local da cultura de *Ritos de Passagem*:

é que não descurando a dimensão comunitária, Ritos de passagem anuncia uma busca individual, mais íntima e sonhadora, mesmo quando a sua preocupação íntima é coletiva, como se percebe no último poema da coletânea, que reúne poemas escritos entre 1983 e 1985, na circum-navegação espaço-temporal da própria autora: Luanda, Benguela, Cabinda, Havana... (MATA, 2007, p. 9).

Deste modo, quando fala da nação angolana, a poeta apela ao olhar da mulher, para referir momentos poéticos de assimilação sensoriais “ritualísticos” de situações subjetivas, para impor outro ritmo. Exterioriza as convicções da alma feminina angolana, conferindo-lhe a liberdade na sua condição de mulher e ser humano.

Para Inocência Mata, é a maneira de manifestação do significante mulher que se distingue e que parece esclarecer o subjetivismo da poesia de Paula Tavares. Ao buscar emitir a consciência do “eu” feminino, a poeta lhe atribui um estado de plena liberdade. Inocência expõe *Ritos de Passagens* como um entre-lugar de utopia e inovação poética, em que “a configuração do feminino gera uma iluminação existencialista em que a escrita se transforma em iniciação à vida plena, para neutralizar o vazio que no meio das vivências femininas, tem tendência a crescer insondável...”. Desta maneira, adverte o desdobramento da escrita levado pela utopia, e na tentativa de preencher o vazio inexplicável, semeado pelo colonialismo, nas vivências das mulheres angolanas.

Em entrevista conferida em 1988, Ana Paula Tavares exprime sua visão e anseio ao redigir *Ritos de Passagens*. Segundo a autora, o livro é um pensamento sobre as sociedades atuais, em função de suas experiências de infância em Huíla, que viveu e presenciou sem compreendê-las inteiramente, mas que permaneceram conservadas em algum lugar da memória.

Por esse motivo, talvez, a questão erótica e o enaltecer advindo da independência angolana transcorre toda a obra, seja de modo mais direto ou mais alegorizado, sob a maneira de um erotismo poético que associa um composto de signos e figuras que evidenciam a vida agitada do corpo e da natureza, refazer a realidade da mulher e, ao mesmo tempo, transformando os aspectos da poesia angolana, atraindo para o primeiro plano a edificação da subjetividade feminina, apontando as suas frustrações, os seus desejos, dores, alegrias, e seu erotismo, até então esquecido em virtude de sua função de procriar.

Logo, embora haja uma outra visão mais prioritária no seu enfoque, ao carregar para sua poesia os ritos, as tradições, e os valores africanos, Ana Paula Tavares não admite que saia do foco a função social da literatura, atributos das gerações anteriores, mas ao mesmo tempo, acusa o sexismo presente em muitas dessas tradições que emudece as particularidades, angústias e sonhos das diversas mulheres.

### **Análise dos poemas**

O livro “Ritos de passagem” foi dividido em três andamentos são eles: um poema “Cerimônia de passagem” (impõem o ritmo iniciático); “De cheiro macio ao tacto” (invocação dos sentidos, infância e adolescência também sendo abordados);

“Navegação circular” (destaque para a idade adulta que precede o casamento). Contudo para uma análise mais apurada da obra, destacamos um poema de cada seguimento.

Os poemas apresentam alguns aspectos que devem ser observados como: resgate das tradições e dos valores africanos; alusão à fertilidade; busca da identidade feminina; ideia de início, meio e fim de um processo de maturação da mulher; relação entre vegetal e ser humano (a natureza sempre presente, não só através da flora como da fauna); presença de elementos sensoriais alusivos ao corpo feminino, (especificamente a parte mais íntima); personificação do erotismo através dos frutos (cor e forma); oscilação dos versos – demonstrando que a poesia da autora não se enquadra aos padrões preestabelecidos. Contudo o destaque da análise se volta para a eroticidade presente nos poemas e a condição feminina que acaba sendo evidenciada indiretamente através das tradições e dos costumes imbuídos nos povos africanos.

O primeiro poema analisado será “Cerimônia de Passagem” até pelo cabeçalho, já se entende o tom ritualístico da obra e, pela composição do poema, uma nova sugestão de leitura:

### **Cerimônia de Passagem**

“a zebra feriu-se na pedra  
a pedra produziu lume”

a rapariga provou o sangue  
o sangue deu fruto

a mulher semeou o campo  
o campo amadureceu o vinho

o homem bebeu o vinho  
o vinho cresceu o canto

o velho começou o círculo  
o círculo fechou o princípio

"a zebra feriu-se na pedra  
a pedra produziu lume"

Nos dois primeiros versos os signos “ferir” e “lume” já nos expõe um tom semântico do erotismo, pois o ato de ferir-se insinua o “sangue”, expondo no verso

consequente, e o 'lume' parecido ao "que acontece com a convulsão erótica: ela libera órgãos pletóricos num jogo cego que suplanta a vontade ponderada dos amantes" (BATAILLE, 1987, p.86), percebe-se que este movimento erótico não rejeita, porém, o ato de procriar, embora Bataille fale que o sexo com a finalidade de procriação nada tem a ver com o erotismo. A poetisa desmoraliza o olhar do homem sobre o corpo da mulher, e ao fazê-lo, desfaz a imagem subjetiva que a colocava no ponto de vista da masculinidade. A linguagem concisa em símbolos e metáforas complica o movimento amplo do sentido, tornando-se numa produção poética harmônica a um sistema social onde a voz feminina livre não é autorizada.

Fica evidente no primeiro poema uma evolução que a mulher vai passando, é verdadeiramente uma cerimônia de passagem, na qual ela passa de imatura sendo representada pela "zebra", para uma mulher mais madura em que vive muitas experiências que fazem dela uma mulher "de verdade", contudo como há a repetição dos versos "a zebra feriu-se na pedra /a pedra produziu lume" tanto no início como no final do poema, imaginamos que a cerimônia se repete outras vezes.

O seu primeiro livro, a autora revela o olhar da historiadora sobre o lugar da mulher em sociedade em que celebram rituais de iniciação e de passagem de uma idade para outra. E, como ela própria afirma, os rituais, os costumes aparecem em sua poesia permeados de admiração e espanto, já que, pertencendo a uma dessas sociedades, não convive mais com ela, distanciou-se de costumes e de vivências que, ao mesmo tempo, são e não são dela (Laban, p. 850). Os versos apresentados acima, são sínteses de par em par depositando em cena vários métodos existenciais começados pelo homem/velho, rapariga/mulher, mais uma vez observando que, dentro dos novos pontos de vista feministas, a mulher é colocada em posição de igualdade com o homem, para isso criou-se a categoria de gênero que "destaca o sistema de relações que pode compreender o sexo, mas que não é unicamente determinado por ele" (CASTELL, 2008, p. 36), daí o foco ao erotismo da mulher, pois apenas admitindo-se como um ser sexual, ela poderá assumir como um sujeito social que colabora ativamente para girar as engrenagens do mundo.

A representação da zebra é também uma maneira de metaforizar essa harmonização feminino/masculino, dois polos antagônicos que se completam, como a "dialética" sugerida nas listras em branco e preto, disposta com beleza e perfeição no animal. Em busca de uma maneira singular de ser angolana, Ana Paula Tavares privilegia questões do feminino, alicerçada na memória dos elementos da terra.

Estabelece-se um pacto com a história local dos povos da Huíla que reforça a autenticidade (feminina) de sua poesia fixada na angolanidade, ela inscreve-se como poeta, exaltando a imagem da mulher com forte identificação com a Mãe-Terra e, porque não dizer, com o próprio continente africano, a exemplo da zebra que é um animal típico do continente africano e que é expresso no poema acima citado.

Essa representação de movimento do tempo cíclico está aplicado em toda a obra, partir do modelo angolano, pois ao beber vinho, metáfora do sexo, o homem “cresceu o canto”, ou seja novos tempos cíclicos existenciais são começados, proposta que fica clara quando os mesmos versos encerram o poema refazendo a ideia do eterno retorno.

Esse movimento cíclico é recomeçado na primeira parte do livro intitulada “De cheiro macio ao tacto”, constituído por nove poemas denominados pelos nomes dos elementos vegetais, por meio dos quais a poeta faz referência a sexualidade feminina. O primeiro dessa série, é o poema “A Abóbora menina”.

#### **A abóbora menina**

Tão gentil de distante, tão macia aos olhos  
vacuda, gordinha,  
de segredos bem escondidos  
estende-se à distância  
procurando ser terra  
quem sabe possa  
acontecer o milagre:  
folhinhas verdes  
flor amarela  
ventre redondo  
depois é só esperar  
nela desaguam todos os rapazes.

Já nesse poema observamos a simbologia presente no texto através de alguns elementos como a “abóbora”, simbolizando nesse contexto o órgão sexual feminino.

Também nesse poema observamos à maturação da figura feminina, em que se vê a transformação do corpo, como também a preparação do mesmo para gerar um criança. O elemento “terra” sendo evidenciado como símbolo da fertilidade tendo a mulher o papel de também “fazer brotar a vida”. A situação erotizada fica bastante evidente, Bataille (2004, p.20) “o erotismo é um dos aspectos da vida interior do

homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à interioridade do desejo”. Mafra (2009) reforça:

Há um erotismo relacionado ao conjunto de signos e figuras que representam a vida pulsante da natureza e do corpo. Há interlocuções com o cosmos através de significantes como os animais, as plantas, as frutas e uma estreita relação com o corpo mediante referências à pele, à carne humana, aos órgãos sexuais, tudo sob um tom erotizado. (p. 02)

Ana Paula Tavares, mais uma vez fala com as gerações precedentes ao atrair para o cenário poético a questão da fertilidade, por via a simbologia desse fruto, a abóbora é “fonte de vida, símbolo da regeneração, abundância e fecundidade”, e a dicotomia colocada em sua exposição: “macia”, “vacuda”, “gordinha” que conota, primeiramente, as formas femininas, vai abrangendo, num crescendo, conotações do amadurecimento erótico feminino, até o seu ápice: “nela desaguam todos os prazeres”.

No poema “Circum-Navegação”, evidenciamos assim como nos anteriores o desenvolvimento do ser feminino, também com a presença de elementos simbólicos, observemos:

### **Circum-Navegação**

Em volta da flor fez  
a abelha  
A primeira viagem  
circum-navegando  
a esfera  
Achando o perímetro  
suicidou-se, LÚCIDA  
No rio de pólen  
descoberto.

A abelha simboliza claramente a fertilidade, aquela que germina e que através dela, de sua semente “pólen”, irá florescer, portanto a ideia de ciclo, de situações que ressurgem e vão acontecendo novamente. Também é bem evidente assim como nos outros poemas a inconstância dos versos o que poderia representar a inconstância também das mulheres e de suas fases.



sempre presente em seus poemas. As cores e o sabor dos frutos a anona, o maboque, a nocha, o mirangolo, a nêspira, o mamão são também representações de um corpo que transcende em cheiros, em composição macia e em forte sensualidade. Mas, também se instaura um diálogo com a crítica feminista pós-moderna conforme o corpo é visto como uma entrada da subjetividade, assim, ele deixa de ser apenas uma essência biológica fixa ou uma entidade histórica, passando a ser problematizado como uma interface entre o biológico e social.

## **Conclusão**

Conforme tentamos apresentar nesse trabalho, *Ritos de Passagem* é uma obra reveladora desde o título até o conteúdo que apresenta. A surpresa está na forma em que estes ritos são apresentados, pois a poeta, em muitas passagens, os reinventa, abordando temas tabus da sociedade angolana relativos à sexualidade feminina, assumindo a voz do outro, que nesse caso é configurado como a mulher angolana que fora duplamente colonizada e busca sua identidade. Nesse contexto, era preciso também outra reinserção da mulher na sociedade e na literatura, rompendo com aquele modelo da era colonial em que a imagem da mulher na literatura era sempre associada à imagem da terra e da Mãe África, ou seja, ela era sempre vista como um corpo coletivo, cuja função social era de “parir” novos soldados. É importante evidenciar que esse grito de mulher continua a ecoar ao longo de sua escrita até os dias atuais.

## **Referências Bibliográficas**

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CASTELL, Graça. **A identidade subjetiva da mulher**. Revista de filosofia capital Vol. 3, edição 6, ano 2008. p. 32-41.

MAFRA, Betânia Siqueira. **A Voz de um corpo de mulher: O erotismo em Paula Tavares**. In: Revista Gatilho. Rio de Janeiro. 2009.

MATA, Inocência. **Prefácio à edição portuguesa: passagem para a diferença.** In: TAVARES, Paula. Amargos como os frutos, poesia reunida. Rio de Janeiro: Pallas. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro:DP&A,1997.Trad.Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro.